

Antologia de Fitzgerald

Elisa

Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

To my own ghosts

Agradecimentos

To my own angels

resumo

Tudo o que meu querer te causou

(ex)cria(dor)

Scars

A função da faca

TEMPO

Prejuízo e benefício

Vale a pena?

quem é você?

noite morna

Tudo o que meu querer te causou

eu queria agora, eu queria ontem e vou odiar se eu ainda quiser amanhã. Eu venho querendo há muito tempo e nunca quis tanto uma coisa quanto não querer esse desejo.

Não sinto borboletas no estômago, sinto a dor de um milhão de enxames me destruindo por dentro sem que eu possa morrer. VOCÊ é eu ter ido à guerra e voltado sem uma

parte do corpo, um membro fantasma. Me assombra tal qual um e ainda sinto teu membro mesmo que nunca tenha estado aqui, diferente do teu coração. O tenho na palma da

mão e amaldiçoo qualquer lugar que tu vá e o tente deixar. Nunca vou te deixar ir, não enquanto não voltar pra se despedir, mas não da maneira que chegou. Quero que se

despeça de mim, inteiramente em mim. Quero que esteja aqui. Que emita todos os sons que eu calei. Que teu timbre manifeste toda a raiva que eu sei que sente de mim.

Que tuas veias queiram se enroscar em meu pescoço só pra que eu me sinta dependente de ti. como se tu não soubesse que eu sou. dependente de ti. Eu odeio só poder te

encontrar em rostos desfocados, em folhas amassadas, em vidros embaçados pelo suor que eu queria provocar em ti. Odeio o espaçamento físico, mas odiaria mil vezes

mais tu ao meu lado com a distância do teu espírito. Eu sei que ele teme a mim. Ninguém gosta de ser aprisionado. Odeio não poder recorrer a ti. Mas amo que tu esteja

em segurança, longe do alcance do meu ego. Amo que você talvez tenha me esquecido, que tenha conhecido outros, espero que nenhum medíocre. Eu não te fiz bem, mas

não porque fui medíocre e sim por ter sido extraordinariamente minha e para mim. Por ter me guardado de ti no canto mais úmido e escuro do meu corpo, por não ter

aberto a porta quando você fugia dos gladiadores do inferno. Por ter levado toda a minha família ao circo quando você era a atração principal, porque fui eu que te

consegui o emprego. Por ter te feito andar quilômetros noite adentro só pra ver até onde você iria, e quando chegou o destino era a solidão com pedaços de chocolate

amargo, só pra te dar esperança. Por ter dado nome e sobrenome aos teus planos que você pensava serem nossos. Amo nem saber mais em que terra tu pisa. E odeio não ter

sido digna da tua grandiosidade. Amo que tu não tenha tido a mim, porque tu precisava e merecia mais. Odeio que eu tenha criado um reino onde anjos sorriem pra ti e tu

corre assustado. Amo não sonhar mais contigo. Odeio ter criado o bicho papão que mora dentro do armário. E por esse motivo você nunca mais usou aquela camisa xadrez

ridiculamente grande demais pra você, mas que hoje, convenientemente, caberiam todas as minhas frívolas versões que te tornaram o meu objeto de redenção.

(ex)cria(dor)

Ainda lembro da vida exígua viajando para longe do meu ventre, longe do seu corpo. Lembro do cheiro putrefato exalando do que um dia fora um lar. Não ignoro o fato de que minha escolha de ser mãe ou não me fora roubada, mas ainda assim, fui. Ou sou?

A expectativa já tinha levantado do âmago do ser, já tinha se enraizado pelas paredes da alma.

Agora era apenas isso, expectativa. Mas em outra forma, pó. Poderia vender pó de expectativa na mercearia da esquina? Se sim, avise-os que no meu corpo também há estoque.

Como seria o olhar, o temperamento? Gostaria de sentir o barro molhado sob seus pés quando fôssemos passear numa tarde chuvosa de verão? Agora irá senti-lo sobre o próprio corpo. Ou não, o espírito já estaria pairando sobre um campo verde nesse momento, numa dança descompassada com o vento que o sequestrara da cova. Mas e se não estivesse num campo verde? E se estivesse, neste momento, sendo consumido pelo fogo eterno? Dia após dia, aurora após aurora? O tempo existe no inferno? Faz sentido que esteja lá, era uma criança bastarda celestialmente, se assim posso dizer. Não fora batizado, não teve o corpo banhado pela água santa. Talvez eu devesse regar seu túmulo com a água que fica na concavidade da igreja.

·

Não muito após o aterramento do corpo da cria, o homem me acaricia com o quadril. Quero regurgitar, não apenas o alimento, mas palavras carregadas de ódio, amargura e tristeza profunda. Virada, despida, massageada e preenchida. Por ele que anseia plantar outra semente no meu íntimo, almejando que vingue e floresça desta vez. Se eu desejar que apodreça para que não conheça seu provedor terei um lugar no antro do fogo junto de meu primogênito mórbido?

Scars

Hoje tá chovendo na rua e trovejando aqui dentro. A chuva molha a calçada e o trovão costura rachaduras no meu peito. Isto é, se sobrou algum centímetro quadrado intacto desde a última tempestade. O que estou dizendo? Sempre há mais peito para ser rasgado e costurado. Toda manhã eu pego a linha que se desenrola do meu cérebro depois de todo o alvoroço. A encaixo no ducto de minhas veias, onde elas seguem o trabalho de me criar cicatrizes, ou se eu for mais otimista, criar mais pele para outro temporal.

A função da faca

As facas do meu passado sempre voltam para rasgar um pouco mais da minha carne e criar cicatrizes no meu futuro.

TEMPO

Vá devagar, eles sussurram
Não tenha pressa, eles aconselham
Você tem tempo, eles alertam
Pressa de existir, eu tenho

Prejuízo e benefício

Agora eu posso dizer para mim mesmo o que foi, ainda não com tanta clareza, mas consigo juntar alguns poucos vocábulos no fundo da minha mente. Você me deu pouco, você me deu muito, você me deu nada. Adivinha? O nada é o inferno pra quem já teve muito. Hoje passeio pelo museu que construí de você, as paredes estão manchadas pelo vinho que você derramou enquanto fugia apressado, aquele maldito vinho. Odeio que minha bebida favorita também seja a sua. Caminho por lá de cabeça baixa, não encaro os retratos, ainda não tenho coragem. Há uma cozinha nos fundos do museu onde todos trabalham apressados e exaustos correndo atrás de algo que julgam mais importante que o tempo. E na saída da cozinha há um beco que dá de frente para uma parede de tijolos vermelhos, o céu está vestindo estrelas que choram fraco nesta noite, tudo para combinar com você. Porque eu podia te admirar, mas nunca me molhar na tua chuva. Sento no degrau da porta da cozinha sentindo o cheiro úmido das cinzas do cigarro que você nunca fumou somado a todos os temperos que eu amava e você nunca comprou. Eles estão todos juntos naquela merda de lixeira cinza que eu e você usávamos nas nossas tarefas... Você já deixou mais peso lá do que eu.

Vale a pena?

Dizem que amar é um tiro no escuro
Mas que no final vale a pena, apesar de tudo
Eu discordo fortemente, não acho que as boas emoções sejam o suficiente
Pra tapar a ferida de qualquer partida
Não me parece uma decisão inteligente
No fim, as memórias bordadas no fundo do coração
Rasgam o peito intensificando a perda, a agulha alcança a imaginação
Antes usada na renda e agora fura a bolha de sabão
Onde eu e alguém dançamos, embalados pela ilusão
Afinal, depois de conhecer o paraíso a terra soa como um lugar maldito
Assombrado por tudo que era e poderia ter sido
Atormentado pela sombra da tua dança
Quando se une no céu a cor dos teus olhos
E derrama na terra a água filha dessa mudança

quem é você?

Marco a lama com minhas pegadas pesadas, não pelo meu peso, eu peso pela incerteza do que sou. O chão cede com minhas dúvidas maciças.

O barro sobe pelos meus dedos sussurrando palavras exclamativas para minha pele, que as traduz em interrogações.

- ?

noite morna

Entonei o copo de líquido morno que é, absurdamente, similar aos teus lábios no meu pescoço sussurrando todas as coisas que seriam consideradas impróprias se não estivéssemos ao redor dessa fogueira. A fogueira jaz no chão e no interior dos teus olhos. E também em outros lugares do teu, meu, nosso corpo. Inacreditavelmente, depois de todo o esforço feito no dia, ainda há energia suficiente para balançar teu corpo combinando com a dança das árvores flertando com a brisa noturna do fim do verão. Muitas são as coisas que eu sei, mas como o teu olhar me constrange e instiga a ser só para ti é algo incompreensível para mim até hoje, talvez seja amanhã também. Não sei se quero compreender, gosto da sensação de dever algo para alguém desde que esse alguém seja você. É o tanto que você me sustenta no caminho de ida que determina o tanto que eu me rendo na volta da nossa viagem particular para o nosso interior. É melhor você voltar para o fogo de chão, esse vai te queimar menos que eu, mas não mais que seus olhos a mim inteira. Pense nisso.